

FRENTE: FILOSOFIA

PROFESSOR(A): JOÃO SARAIVA

EAD – MEDICINA

AULA 06

ASSUNTO: A HISTÓRIA DA FILOSOFIA (FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA – SÉCULO XIX ATÉ HOJE)



## Resumo Teórico

### Introdução

A Filosofia Contemporânea vai dos meados do século XIX até nossos dias e que, por estar próxima de nós, é mais difícil de ser vista em sua generalidade, pois os problemas e as diferentes respostas dadas a eles parecem impossibilitar uma visão de conjunto.

Em outras palavras, não temos distância suficiente para perceber os traços mais gerais e marcantes deste período da filosofia. Apesar disso, é possível assinalar quais têm sido as principais questões e os principais temas que interessaram à filosofia neste século e meio.

No seu início, a Filosofia Contemporânea foi bastante marcada pela corrente filosófica iluminista. Os filósofos iluministas acreditavam que, se a razão e a racionalidade se tornassem os princípios organizadores das sociedades modernas, isso levaria ao desenvolvimento de uma verdadeira sociedade justa, baseada em valores de progresso social, tolerância e obediência à vontade geral. Havia um sentimento de que as ciências iriam sempre descobrindo novas soluções para os problemas humanos e que a civilização humana progredia a cada ano com os novos conhecimentos adquiridos.

Os novos filósofos, no entanto, lançaram desconfiança em relação aos diversos frutos, tantas vezes inesperados, da ciência e da tecnologia. Muitos filósofos começaram a questionar a supremacia da razão. Algumas perguntas que são típicas da Filosofia Contemporânea foram: "Será que a ciência poderá resolver todos os problemas da humanidade?"; "O homem deve confiar apenas na razão?"; "A tecnologia impedirá o fim da humanidade?".

Leia o que disse **Horkheimer**, famoso filósofo do século XX, em seu livro *Eclipse da razão*:

"Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humano, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram uma redução. O avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização."

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Ed. Labor do Brasil-RJ, 1976.

Horkheimer opõe o conhecimento técnico e autonomia do homem enquanto indivíduo. Parece que a tecnologia tem diminuído a capacidade do ser humano em se opor aos mecanismos de manipulação do sistema capitalista. Em outras palavras, o filósofo defende a tese de que a tecnologia desumaniza o homem. Como você deve ter percebido, a Filosofia Contemporânea fundamenta-se em alguns conceitos que foram elaborados no século XIX. Um desses conceitos é o conceito de história, que foi formulado

pelo filósofo alemão **Hegel**; ele afirma que a história é o modo de ser da razão e da verdade, o modo de ser dos seres humanos e que, portanto, somos seres históricos.

Uma das consequências dessa percepção levou à ideia de progresso, isto é, de que os seres humanos, as sociedades, as ciências, as artes e as técnicas melhoram com o passar do tempo, acumulam conhecimento e práticas, aperfeiçoando-se cada vez mais, de modo que o presente é melhor e superior, se comparado ao passado, e o futuro será melhor e superior, se comparado ao presente.

Essa visão otimista também foi desenvolvida na França pelo filósofo **Auguste Comte**, que atribuía o progresso ao desenvolvimento das ciências positivas. Essas ciências permitiriam aos seres humanos "saber para prever, prever para prover", de modo que o desenvolvimento social se faria por aumento do conhecimento científico e do controle científico da sociedade. É de Comte a ideia de "**Ordem e Progresso**", que viria a fazer parte da **bandeira do Brasil** republicano.

As utopias políticas elaboradas no século XIX, como o **anarquismo**, o **socialismo** e o **comunismo**, também devem muito à ideia de desenvolvimento e progresso como caminho para uma sociedade justa e feliz.

No entanto, a ideia de que a história fosse um movimento contínuo e progressivo em direção ao aperfeiçoamento sofreu duras restrições durante o século XX. A mesma afirmação da historicidade dos seres humanos, da razão e da sociedade levou à ideia de que a história é descontínua e não progressiva, onde cada sociedade possui a sua própria história em vez de ser apenas uma etapa de uma história universal das civilizações.

A ideia de progresso passa a ser criticada porque serve como desculpa para legitimar colonialismos e imperialismos (os mais "adiantados" teriam o direito de dominar os mais "atrasados"). Passa a ser criticada também a ideia de progresso das ciências e das técnicas, mostrando-se que, em cada época histórica e para cada sociedade, os conhecimentos e as práticas possuem sentido e valor próprios, e que tal sentido e tal valor desaparecem em uma época seguinte ou são diferentes em outra sociedade, não havendo, portanto, transformação contínua, acumulativa e progressiva.

Essa visão de mundo possibilitou o desenvolvimento de várias ciências, como a Etnologia, a Antropologia e as **Ciências sociais**.

### As ciências e as técnicas

No século XIX, entusiasmada com as ciências e as técnicas, bem como com a Segunda Revolução Industrial, a filosofia afirmava a confiança plena e total no saber científico e na tecnologia para dominar e controlar a natureza, a sociedade e os indivíduos.

Acreditava-se que a **sociologia**, por exemplo, ofereceria-nos um saber seguro e definitivo sobre o modo de funcionamento das sociedades e que os seres humanos poderiam organizar racionalmente o social, evitando revoluções, revoltas e desigualdades.

Acreditava-se, também, que a **psicologia** ensinaria definitivamente como é e como funciona a *psique* humana, quais as causas dos comportamentos e os meios de controlá-los, quais as causas das emoções e os meios de controlá-las, de tal modo que seria possível livrar-nos das angústias, do medo, da loucura; assim como seria possível uma pedagogia baseada nos conhecimentos científicos e que permitiria não só adaptar perfeitamente as crianças às exigências da sociedade, como também educá-las segundo suas vocações e potencialidades psicológicas.

No entanto, no século XX, a filosofia passou a desconfiar do otimismo científico-tecnológico do século anterior em virtude de vários acontecimentos: as duas guerras mundiais; o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki; os campos de concentração nazistas; as guerras da Coreia e do Vietnã, do Oriente Médio, do Afeganistão; as invasões comunistas da Hungria e da Tchecoslováquia; as ditaduras sangrentas da América Latina; a devastação de mares, florestas e terra; os perigos cancerígenos de alimentos e remédios; o aumento de distúrbios e sofrimentos mentais etc.

Uma escola alemã de filosofia, a **Escola de Frankfurt**, elaborou uma concepção conhecida como **Teoria Crítica**. Desta escola fazia parte filósofos como **Walter Benjamin** (1892-1940), **Herbert Marcuse** (1898-1979) e **Theodor Adorno** (1903-1969), aos quais se pode ligar também, o pensamento de **Jürgen Habermas** (1929-). Um dos principais filósofos desse grupo é **Max Horkheimer** (1895-1973). Ele pensou que as transformações na sociedade, na política e na cultura só poderiam se processar se tivessem como fim a emancipação do homem e não o domínio técnico e científico sobre a natureza e a sociedade. Esse pensamento distingue duas formas da razão: a razão instrumental e a razão crítica.

A **razão instrumental** é a razão técnico-científica, que faz das ciências e das técnicas não um meio de liberação dos seres humanos, mas um meio de intimidação, medo, terror e desespero. Ao contrário, a **razão crítica** é aquela que analisa e interpreta os limites e os perigos do pensamento instrumental e afirma que as mudanças sociais, políticas e culturais só se realizarão verdadeiramente se tiverem como finalidade a emancipação do gênero humano e não as ideias de controle e domínio técnico-científico sobre a natureza, a sociedade e a cultura.

## As utopias revolucionárias

No século XIX, em decorrência do otimismo trazido pelas ideias de progresso, desenvolvimento técnico-científico, poderio humano para construir uma vida justa e feliz, a filosofia apostou nas utopias revolucionárias – **anarquismo, socialismo, comunismo** –, que criariam, graças à ação política consciente dos explorados e oprimidos, uma sociedade nova, justa e feliz.

No entanto, no século XX, com o surgimento das chamadas sociedades totalitárias – **fascismo, nazismo, stalinismo** – e com o aumento do poder das sociedades autoritárias ou ditatoriais, a filosofia também passou a desconfiar do otimismo revolucionário e das utopias e a indagar se os seres humanos, os explorados e dominados, serão capazes de criar e manter uma sociedade nova, justa e feliz.

O crescimento das chamadas **burocracias** – que dominam as organizações estatais, empresariais, político-partidárias, escolares, hospitalares – levou a filosofia a indagar como os seres humanos poderiam derrubar esse imenso poderio que os governa secretamente, que eles desconhecem e que determina suas vidas cotidianas, desde o nascimento até a morte.

## O fim da filosofia

No século XIX, o otimismo positivista ou cientificista levou a filosofia a supor que, no futuro, só haveria ciências, e que todos os conhecimentos e todas as explicações seriam dados por elas. Assim, a própria filosofia poderia desaparecer, não tendo motivo para existir.

No entanto, no século XX, a filosofia passou a mostrar que as ciências não possuem princípios totalmente certos, seguros e rigorosos para as investigações, que os resultados podem ser duvidosos e precários, e que, frequentemente, uma ciência desconhece até onde pode ir e quando está entrando no campo de investigação de uma outra.

Os princípios, os métodos, os conceitos e os resultados de uma ciência podem estar totalmente equivocados ou desprovidos de fundamento. Com isso, a filosofia voltou a afirmar seu papel de compreensão e interpretação crítica das ciências, discutindo a validade de seus princípios, procedimentos de pesquisa, resultados, de suas formas de exposição dos dados e das conclusões etc.

Foram preocupações com a falta de rigor das ciências que levaram o filósofo alemão **Edmund Husserl** (1859-1938) a propor que a filosofia fosse o estudo e o conhecimento rigoroso da possibilidade do próprio conhecimento científico, examinando os fundamentos, os métodos e os resultados das ciências. Foram também preocupações como essas que levaram filósofos como **Bertrand Russel** (1872-1970) e **Willard Van Orman Quine** (1908-2000) a estudar a linguagem científica, a discutir os problemas lógicos das ciências e a mostrar os paradoxos e os limites do conhecimento científico.

## A maioria da razão

Ainda no século XIX, o otimismo filosófico levava a filosofia a afirmar que, enfim, os seres humanos haviam alcançado a **maioridade racional**, e que a razão se desenvolvia plenamente para que o conhecimento completo da realidade e das ações humanas fosse atingido.

No entanto, **Karl Marx** (1818-1883), no final do século XIX, e **Sigmund Freud** (1856-1939), no início do século XX, puseram em questão esse otimismo racionalista. Marx e Freud, cada qual em seu campo de investigação e voltados para diferentes aspectos da ação humana – Marx, voltado para a economia e a política; Freud, voltado para as perturbações e os sofrimentos psíquicos –, fizeram descobertas que, até agora, continuam impondo questões filosóficas. Que descobriram eles?

Marx descobriu que temos a ilusão de estarmos pensando e agindo com nossa própria cabeça e por nossa própria vontade, racional e livremente, de acordo com nosso entendimento e nossa liberdade, porque desconhecemos um poder invisível que nos força a pensar como pensamos e agir como agimos. A esse poder – que é social – ele deu o nome de **ideologia**. Marx denunciou que o capitalismo usava ideologias para enganar os trabalhadores.

O grande trabalho filosófico de Marx foi o livro *O Capital*, descrito como a Bíblia da classe operária em uma resolução da Associação Operária Internacional. *O Capital* foi publicado em Berlim em 1867. No que viria a ser um dos livros mais influentes do século XIX, Marx previa a substituição do capitalismo pelo socialismo. Apenas o primeiro volume foi concluído em vida de Marx; o segundo e o terceiro volumes foram editados por Friedrich Engels, o maior companheiro de Marx. Engels compartilhava das mesmas ideias de Marx e foi um importante filósofo. Com Engels, Marx escreveu *O Manifesto do Partido Comunista*.

No *Manifesto Comunista* publicado em 1848. Eles afirmavam:

“A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e aprendiz; numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta.”

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Karl Marx tornou-se um dos mais importantes pensadores da Filosofia Contemporânea. Ele contribuiu com a economia, com a filosofia e com a política de modo decisivo. Apesar da influência que recebeu de Hegel, foi crítico corajoso do idealismo daquele filósofo. Também se opuseram ao racionalismo de Hegel vários pensadores, como o dinamarquês **Sören Kierkegaard** (1813-1855).

Kierkegaard, em sua obra, enfatiza os custos psicológicos da liberdade moderna. Assinala que para a maioria das pessoas a vida parece apresentar uma série de escolhas que o indivíduo tem que resolver sozinho, sem a ajuda da razão, da tradição ou da fé religiosa.

Em seu livro *O desespero humano – doença até a morte*, Kierkegaard vê a vida moderna sendo governada por alguns estados emocionais muito dolorosos: ansiedade de escolha, medo do futuro e frivolidade diante da morte. Suas ideias influenciaram escritores como **Franz Kafka** (1883-1924) e **Albert Camus** (1913-1960).

Filosoficamente, fez a ponte entre a **filosofia** de Hegel e aquilo que se tornaria o **existencialismo**. Kierkegaard rejeitou a filosofia hegeliana do seu tempo e aquilo que ele viu como o formalismo vazio da Igreja. Muitas das suas obras lidam com problemas religiosos, tais como a natureza da fé, a instituição da fé cristã, e ética cristã e **teologia**. Por causa disto, a obra de Kierkegaard é, algumas vezes, caracterizada como existencialismo cristão, em oposição ao existencialismo ateu de **Jean-Paul Sartre**.

Freud, por sua vez, mostrou que os seres humanos têm a ilusão de que tudo quanto pensam, fazem, sentem e desejam, tudo quanto dizem ou calam estaria sob o controle de nossa consciência, porque desconhecemos a existência de uma força invisível, de um poder – psíquico e social – que atua sobre nossa consciência sem que ela o saiba. A esse poder que domina e controla invisível e profundamente nossa vida consciente, ele deu o nome de **inconsciente**.

Diante dessas duas descobertas, contribuição de Marx e Freud, a filosofia se viu forçada a reabrir a discussão sobre o que é e o que pode a razão, sobre o que é e o que pode a consciência reflexiva ou o sujeito do conhecimento, sobre o que são e o que podem as aparências e as ilusões.

Ao mesmo tempo, a filosofia teve que reabrir as discussões éticas e morais: “O homem é realmente livre ou é inteiramente condicionado pela sua situação psíquica e histórica? Se for inteiramente condicionado, então a história e a cultura são causalidades necessárias como a natureza?”. Ou seria mais correto indagar: “Como os seres humanos conquistam a liberdade em meio a todos os condicionamentos psíquicos, históricos, econômicos, culturais em que vivem?”. Outro notável filósofo romântico foi o alemão **Arthur Schopenhauer** (1788-1860), que também se preocupava com a questão da liberdade. Para ele, ser livre significa a liberação de uma vontade que nunca pode ser satisfeita, sendo a vida humana, portanto, destinada ao desapontamento. Sua filosofia é profundamente pessimista, pois a vontade é concebida em seu sistema como algo sem nenhuma meta ou finalidade, um querer irracional e inconsciente. Sendo um mal inerente à existência do homem, ela gera a dor, necessária e inevitavelmente, aquilo que se conhece como felicidade seria apenas a interrupção temporária de um processo de infelicidade e somente a lembrança de um sofrimento passado criaria a ilusão de um bem presente. Para Schopenhauer, “viver é sofrer”. Schopenhauer influenciou uma geração de artistas, como o cantor e compositor brasileiro, **Renato Russo**. O líder da Legião Urbana revelava em várias de suas músicas, o que podemos chamar de “dor de viver”. Em discos aclamados pela crítica musical, como o famoso *Cinco* e *A tempestade*, as composições de Renato Russo, Dado Villa Lobos e Marcelo Bonfá são permeadas de um pessimismo arrebatador. Na música “Quando o sol bater na janela do teu quarto”, Renato Russo cita Schopenhauer literalmente: “tudo é dor e toda dor vem do desejo de não sentirmos dor”.

O pensamento de Schopenhauer foi fonte decisiva para a obra de um dos mais importantes filósofos da Idade Contemporânea, **Nietzsche** (1844-1900).

O pensamento de Nietzsche é desafiador. Para compreender este grande interprete da alma humana é necessário deixar de lado as nossas ideias preconcebidas, ou seja, os nossos preconceitos. Nietzsche nos desafia, ele critica a moral cristã, analisa a ideia de bem e mal imposta pelo pensamento religioso na Europa de sua época.

Toda a filosofia de Nietzsche pode ser vista com a tentativa de responder a esta única pergunta: “Como podemos viver em um mundo sem algo (um Deus) que garanta que a vida tenha sentido?” Em 1882, Nietzsche admitiu, enfim, que **Deus estava morto**, iniciando sua longa busca por uma resposta não religiosa ao significado da vida, tentando escapar à sensação de desespero que seguiu sua perda de fé no Cristianismo. Essa condição, que ele chamou de niilismo – a crença de que nada tem sentido – foi para ele o principal problema enfrentado pelo mundo moderno.

Nietzsche influencia muitos filósofos do século XX, período de vasta produção filosófica marcada também pela releitura da obra de Marx, a **psicanálise** de Freud, o **existencialismo** de Sartre, a **filosofia da linguagem** de Wittgenstein e a **fenomenologia** de Edmund Husserl.

## Infinito e finito

O século XIX prosseguiu uma tradição filosófica que veio desde a Antiguidade e que foi muito alimentada pelo pensamento cristão. Nessa tradição, o mais importante sempre foi a ideia do infinito, isto é, da natureza eterna (dos gregos), do Deus eterno (dos cristãos), do desenvolvimento pleno e total da história ou do tempo como totalização de todos os seus momentos ou suas etapas. Prevalencia a ideia de todo ou de totalidade, da qual os humanos fazem parte e na qual os humanos participam.

No entanto, a filosofia do século XX tendeu a dar maior importância ao finito, isto é, ao que surge e desaparece, ao que tem fronteiras e limites. Esse interesse pelo finito aparece, por exemplo, em uma corrente filosófica (entre os anos 30 e 50) chamada **existencialismo** e que definiu o humano ou o homem como “um ser para a morte”, isto é, um ser que sabe que termina e que precisa encontrar em si mesmo o sentido de sua existência.

Para a maioria dos existencialistas, dois eram os modos privilegiados de o homem aceitar e enfrentar sua finitude: por meio das **artes** e da **ação político-revolucionária**. Nessas formas excepcionais da atividade, os humanos seriam capazes de dar sentido à brevidade e finitude de suas vidas.

Outro exemplo do interesse pela finitude aparece no que se costuma chamar de “filosofia da diferença”, isto é, naquela filosofia que se interessa menos pelas semelhanças e identidades e muito mais pela singularidade e particularidade.

É assim, por exemplo, que tal filosofia, inspirando-se nos trabalhos dos antropólogos, interessa-se pela diversidade, pluralidade, singularidade das diferentes culturas, em lugar de voltar-se para a ideia de uma cultura universal, que foi, no século XIX, uma das imagens do infinito, isto é, de uma totalidade que conteria dentro de si, como suas partes ou seus momentos, as diferentes culturas singulares.

Enfim, outro exemplo de interesse pela finitude aparece quando a filosofia, em vez de buscar uma ciência universal que conteria dentro de si todas as ciências particulares, interessa-se pela multiplicidade e pela diferença entre as ciências, pelos limites de cada uma delas e, sobretudo, por seus impasses e problemas insolúveis.

Um dos líderes da escola existencialista foi **Jean-Paul Sartre** (1905-1980). A principal obra filosófica de Sartre foi *O ser e o nada*, publicada em 1939. Nessa obra, ele ataca duramente a teoria aristotélica de potência. Para Sartre, “o ser é o que é”, ou seja, a característica tipicamente humana é o nada: um espaço aberto. Esse nada, próprio da existência, faz do homem um ente não estático, não compacto, acessível às possibilidades de mudança. O homem é a própria mudança.



Se o homem fosse um ser cheio, total, pleno, com uma essência definida, ele não poderia ter nem consciência, nem liberdade. Primeiro, porque a consciência é um espaço aberto a múltiplos conteúdos. Segundo, porque a liberdade representa a possibilidade de escolha. Por intermédio dela, o homem revela suas aspirações para algo que ele ainda não é. Assim, para Sartre, se o homem não expressasse esse vazio de ser, sua consciência já estaria pronta, acabada, fechada. E, nesse caso, o homem não poderia manifestar liberdade, pois estaria totalmente preso à realidade estática do ser pleno. Por isso, o homem tem como característica específica o não ser, algo indefinido e indeterminado. Por esse mesmo motivo, não podemos falar da existência de uma natureza humana universal, mas de uma condição humana.

Um dos principais fundamentos da condição humana é a liberdade. É o exercício da liberdade que impulsiona a conduta humana, que gera a incerteza, que leva à procura de sentidos, que produz a ultrapassagem de certos limites.

Outros filósofos franceses do século XX se destacaram por produzirem um pensamento pertinente e inovador; entre eles podemos destacar **Maurice Merleau-Ponty** (1908-1961), **Jaques Lacan** (1901-1981), **Louis Althusser** (1918-1990), **Michel Foucault** (1926-1984) e **Jaques Derrida** (1930-2004). O existencialismo expandiu-se entre outros filósofos, como **Gabriel Marcel** (1889-1973), **Karl Jaspers** (1883-1969), **Léon Chestov** (1866-1938) e **Martin Buber** (1878-1965).

Como podemos perceber, a Filosofia contemporânea, a filosofia de nosso tempo, resulta de uma tentativa de encontrar respostas à crise do projeto filosófico da modernidade. Suas principais correntes visam ou atualizam o racionalismo e o funcionalismo característicos da Filosofia moderna, ou romper com esta tradição em direção a novas alternativas a partir da influência de filósofos como Heidegger, Sartre e Wittgenstein. Um dos aspectos centrais dessa crise é o questionamento da subjetividade como ponto de partida da tentativa de fundamentação do conhecimento e da ética. A linguagem deve ser vista em diferentes perspectivas, como uma alternativa filosófica. Mas, também, verificamos na Filosofia contemporânea críticas à civilização ocidental e o desejo de encontrar caminhos para um mundo sem um Deus. Há forte rejeição na crença nos valores absolutos, na moral de rebanho e na tradição cultural castradora da criatividade, da ação e da emoção pura do homem.



## Exercícios

01. (Cesgranrio/2005) Entre as inúmeras correntes da Filosofia contemporânea, destaca-se, na segunda metade do século XX, na França, a tendência conhecida como Pós-modernismo, cuja principal característica é
- a crítica a todos os discursos e práticas da identidade, procurando desfazer as identificações, as localizações, as separações estáveis, definitivas, absolutas, bem como o léxico metafísico a elas associado.
  - a proliferação de práticas filosóficas que se distinguem antes de mais nada pela preocupação com a forma, com o estilo, mas que herdaram procedimentos metodológicos estabelecidos na modernidade.
  - a desvalorização das concepções de diferença tanto de Hegel quanto de Saussure, nas quais ainda são vistos resquícios de uma lógica identitária, substituindo-as pela noção de diferença de Heidegger.

- a deslegitimação dos métodos de análise sincrônicos consolidados pelo Pós-estruturalismo, revalorizando os métodos que privilegiam a teleologia histórica, a crítica genética e o desconstrutivismo.
- a desconstrução do sujeito transcendental fenomenológico através da retomada da interpretação do *cogito* cartesiano proposta pelo existencialismo de Sartre e Levinas.

02. (UEM/2008-Adaptado) (...) Há certos momentos na história da humanidade em que alterações significativas provocam o que chamamos ruptura de paradigma. Ou seja, os parâmetros que orientam a compreensão do mundo e de nós mesmos deixam de valer em decorrência do imbricamento de inúmeros fatores. E, enquanto não se elabora uma nova "visão de mundo", vive-se um período confuso de indefinição e de perplexidade, decorrente da crise dos valores até então aceitos.

ARANHA, M. L. de Arruda e MARTINS, M. H. Pires. *Temas de Filosofia*. 2. ed., São Paulo: Moderna, 1998, p. 46.

Assinale o que for incorreto.

- A modernidade, como o conjunto de ideias e de valores que norteou o pensamento e a ação humanas desde o final do século XVIII, é essencialmente caracterizada pelo racionalismo, isto é, uma firme crença no poder da razão para conhecer e transformar a realidade.
  - A derrota fragorosa da razão moderna resultou em um colapso intelectual que deixou sem paradigmas as ciências, a filosofia e as artes. Por isso, as religiões em franca expansão na atualidade encontram, no pós-modernismo, uma fonte de inspiração duradoura.
  - Chama-se pós-moderno o modo de pensar que se delinea a partir da segunda metade do século XX, caracterizado pelo afastamento e crítica às ideias da modernidade, denunciando como presunçosas e ilegítimas muitas das pretensões da razão no conhecimento e na prática.
  - O Iluminismo, movimento intelectual ocorrido no século XVIII, manifesta, de maneira especial, os ideais da modernidade, fomentando as aspirações de liberdade e progresso harmonizados pela razão "iluminada".
  - Os avanços tecnológicos influenciam decisivamente a visão de mundo no tempo pós-moderno. A automação, a microeletrônica, a informática alteraram o mundo do trabalho e as relações intersubjetivas. O mercado requer profissionais versáteis; a sociedade, indivíduos informados, críticos e solidários.
03. (UFU/2012) O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si [...].
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- Com base em seus conhecimentos e na leitura do texto anterior, assinale a alternativa correta segundo a filosofia de Hegel.
- A essência do real é a contradição sem interrupção ou o choque permanente dos contrários.
  - As contradições são momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários.
  - O universo social é o dos conflitos e das guerras sem fim, não havendo, por isso, a possibilidade de uma vida ética.
  - Hegel combateu a concepção cristã da história ao destitui-la de qualquer finalidade benevolente.



De acordo com o texto e seus conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa que apresenta a ideia de Hans Jonas sobre as éticas tradicionais.

- A) Para Hans Jonas, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia contribuiu, de maneira direta, na concepção de uma ética mais humana e fraterna, preocupada com a preservação da natureza e do meio ambiente para as gerações futuras.
- B) A proposta ética de Hans Jonas traduz um abandono do desenvolvimento tecnológico e científico e leva em consideração apenas a preservação do meio ambiente, ou seja, trata-se de uma ética que sugere o retorno do homem ao seu estado de selvagem, como foi sugerido por Rousseau.
- C) O Princípio da Responsabilidade de Hans Jonas não admite nenhum tipo de interferência da ciência na constituição de uma sociedade mais ética, humana e fraterna, essencialmente porque para ele, a ciência representou um atraso no desenvolvimento do senso crítico e ético dos homens.
- D) Para Hans Jonas, os conceitos de moral e ética já conhecidos pela sociedade contemporânea bastam para constituirmos uma sociedade mais ética e solidária, fundamentada no Princípio da Responsabilidade de uma sociedade científica.
- E) Para Hans Jonas, as premissas éticas conhecidas já não são válidas e cabe ao homem refletir sobre sua condição moral diante da mudança da natureza da ação humana, tecnologicamente potencializada.
10. (UFJF/2003) O filósofo e teórico social Michel Foucault (1926-1984) dedica sua obra *Vigiar e punir* (1999) para o entendimento das formas de controle social externas e internas. Segundo o autor, a construção do sujeito dócil, útil e submisso à ordem estabelecida é possível apenas por meio de processos “disciplinadores”, nos quais o corpo e a mente do sujeito são moldados de acordo com o que se pede no meio social. Para entender esse fenômeno, Foucault voltou-se para a observação de instituições disciplinadoras, como a escola e os quartéis, onde os indivíduos que ali permanecem vivem sob o controle da instituição.

Podemos concluir que, para Foucault, controle social é:

- A) a forma de controlar a reprodução biológica de um grupo social.
- B) a forma de estabelecer critérios em relação à reprodução humana em países superpopulosos.
- C) um conjunto entre formas externas e internas de intervenção no comportamento do sujeito desviante.
- D) um conjunto de regras que limita a interação entre indivíduos de classes e estratos diferentes em sociedades estamentais.
11. (Enem/2010) A lei não nasce da natureza, junto das fontes frequentadas pelos primeiros pastores: a lei nasce das batalhas reais, das vitórias, dos massacres, das conquistas que têm sua data e seus heróis de horror: a lei nasce das cidades incendiadas, das terras devastadas; ela nasce com os famosos inocentes que agonizam no dia que está amanhecendo.

FOUCAULT, M. Aula de 14 de janeiro de 1976. In. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999

O filósofo Michel Foucault (séc. XX) inova ao pensar a política e a lei em relação ao poder e à organização social. Com base na reflexão de Foucault, a finalidade das leis na organização das sociedades modernas é

- A) combater ações violentas na guerra entre as nações.
- B) coagir e servir para refrear a agressividade humana.

- C) criar limites entre a guerra e a paz praticadas entre os indivíduos de uma mesma nação.
- D) estabelecer princípios éticos que regulamentam as ações bélicas entre países inimigos.
- E) organizar as relações de poder na sociedade e entre os Estados.

12. (Unesp/2015) Para o teórico Boaventura de Sousa Santos, o direito se submeteu à racionalidade cognitivo-instrumental da ciência moderna e tornou-se ele próprio científico. Existe a necessidade de repensarmos os direitos humanos. Boaventura nos instiga a pensar que eles possuem um caráter racional e regulador da vida humana. Esses direitos não colaboram para eliminar as assimetrias políticas, culturais, sociais e econômicas existentes, especialmente nos países periféricos. Os direitos humanos, num plano universalista e aberto a todos, não modificam as estruturas desiguais, mas ratificam a ordenação normativa para comandar uma sociedade.

Adriano São João e João Henrique da Silva. *A historicidade dos direitos humanos*. Filosofia, ciência e vida, dezembro de 2014. (Adaptado).

De acordo com o texto, os direitos humanos são passíveis de crítica, porque

- A) desempenham um papel meramente formal de proteção da vida.
- B) inexistem padrões universalistas aplicáveis à totalidade da humanidade.
- C) são incompatíveis com os valores culturais de nações não ocidentais.
- D) sua estrutura normativa carece de racionalidade e de científicidade.
- E) são destituídos de uma visão religiosa e espiritualista de mundo.
13. (UEL/2005) “As experiências e erros do cientista consistem de hipóteses. Ele as formula em palavras, e muitas vezes por escrito. Pode então, tentar encontrar brechas em qualquer uma dessas hipóteses, criticando-a experimentalmente, ajudado por seus colegas cientistas, que ficarão deleitados se puderem encontrar uma brecha nela. Se a hipótese não suportar essas críticas e esses testes pelo menos tão bem quanto suas concorrentes, será eliminada”.

POPPER, Karl. *Conhecimento objetivo*. Trad. de Milton Amado. São Paulo: Edusp & Itatiaia, 1975. p. 226.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre ciência e método científico, é correto afirmar:

- A) O método científico implica a possibilidade constante de refutações teóricas por meio de experimentos cruciais.
- B) A crítica no meio científico significa o fracasso do cientista que formulou hipóteses incorretas.
- C) O conflito de hipóteses científicas deve ser resolvido por quem as formulou, sem ajuda de outros cientistas.
- D) O método crítico consiste em impedir que as hipóteses científicas tenham brechas.
- E) A atitude crítica é um empecilho para o progresso científico.
14. (Unioeste/2016) Os estudos realizados por Michel Foucault (1926-1984) apresentam interfaces que corroboram para estudos em diversas áreas de conhecimento, entre as quais a Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia, Psiquiatria, Medicina e Direito. Em 1975, Foucault publicou a obra *Vigiar e Punir: história da violência das prisões*, na qual propunha uma nova concepção de poder, a qual abandonava alguns postulados que marcaram a posição tradicional da esquerda do período.

- Sobre a concepção de poder foucaultiana, é correto afirmar
- Só exerce poder quem o possui, por se tratar de um privilégio adquirido pela classe dominante que detém o poder econômico.
  - O poder está centralizado na figura do Estado e está localizado no próprio aparelho de Estado, que é o instrumento privilegiado do poder.
  - Todo poder está subordinado a um modo de produção e a uma infraestrutura, pois o modo como a vida econômica é organizada determina a política.
  - O poder tem como essência dividir os que possuem poder (classe dominante) daqueles que não têm poder (classe dos dominados).
  - O poder não remete diretamente a uma estrutura política, ao uso da força ou a uma classe dominante: as relações de poder são móveis e só podem existir quando os sujeitos são livres e há possibilidade de resistência.

15. (PUC-PR/2014) Hans Jonas, na obra "O Princípio da Responsabilidade", formulou um novo e característico imperativo categórico, relacionado a um novo tipo de ação humana: "Age de tal forma que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica sobre a terra"

JONAS, 2006, p. 48.

A este respeito, assinale a alternativa correta.

- Podemos deduzir que Hans Jonas propõe que o importante é o bem do indivíduo e não a coletividade futura.
- A ação de cada indivíduo não influencia na coletividade.
- O importante é viver o presente sem se importar com o futuro da humanidade.
- Podemos deduzir que não é importante a permanência da vida humana sobre a terra.
- O imperativo proposto por Hans Jonas é de ordem racional, para um agir coletivo como um bem público e não individual.

## Resoluções

01. A pós-modernidade surgiu com a desconstrução de princípios, conceitos e sistemas construídos na modernidade, desfazendo todas as amarras da rigidez que foi imposta ao homem moderno. Com isso, os três valores supremos, o Fim, representado por Deus, a Unidade, simbolizada pelo conhecimento científico e a Verdade, como os conceitos universais e eternos, já estudados por Nietzsche no fim do século XIX, entraram em decadência acelerada na pós-modernidade. Por conta disso, para a maioria dos autores, a pós-modernidade é traçada como a época das incertezas, das fragmentações, da troca de valores, do vazio, do niilismo, da deserção, do imediatismo, da efemeridade, do hedonismo, da substituição da ética pela estética, do narcisismo, da apatia, do consumo de sensações e do fim dos grandes discursos.

**Resposta: A**

02. É falso dizer que a razão moderna resultou em um colapso intelectual, assim como também é incorreto afirmar que as religiões se encontram em franca expansão e inspirações no mundo pós-moderno. Na visão e compreensão do homem moderno, o centro do universo passa a ser ele mesmo. Deus e o mundo passam para um segundo ou terceiro plano. O homem passa a ocupar a primazia no conjunto da realidade global, tudo é orientado em sua direção e desbanca a Deus. No entanto, ele se descobre pouco consistente e frágil. A certeza e organização e explicação do universo cedem espaço para a incerteza e provisoriedade.

**Resposta: B**

03. A estrutura da lógica hegeliana é triádica, que reflete a organização de um sistema filosófico mais amplo e da lógica sobre sua variedade de motivos internos e externos. A divisão da lógica é esta: 1) a doutrina do ser, 2) a doutrina da essência e 3) a doutrina da noção (ou do conceito). Na doutrina do ser, por exemplo, Hegel explica o conceito de "ser-por-si" como uma auto relação que resolve a oposição entre o próprio e o outro na "idealidade do finito". Na doutrina da essência, Hegel explica as categorias de ato e liberdade. Ele diz que ato é a unidade de "essência e existência" e argumenta que isso não descarta a atualidade de ideias que se tornam atualizadas, realizando-se na existência externa. Também define a liberdade como a "verdade da necessidade", ou seja, a liberdade pressupõe a necessidade no sentido de que a própria ação e a reação providenciam uma estrutura da ação livre. Na doutrina do conceito trabalha-se o conceito em função da subjetividade, da objetividade e da articulação entre subjetividade e objetividade. O conceito subjetivo contém três funcionalidades: universalidade, particularidade e individualidade. Essas três funções operam de acordo com um movimento "dialético" progressivo do primeiro para o terceiro e na totalidade expressam o conceito de individualidade. As funções relacionam logicamente os juízos, porém não dizem respeito apenas às operações mentais, mas também explicam as próprias relações reais.

**Resposta: B**

04. Segundo o texto do filósofo e sociólogo alemão Jurgen Habermas, a sociedade democrática contemporânea foi moldada historicamente por culturas dominantes que estabeleceram um padrão cultural em detrimento de minorias desprezadas. Todavia, essas minorias encontram amparo no modelo democrático ao obter espaço para a coexistência e na possibilidade de exposição de seus argumentos, estando cientes de que em uma sociedade democrática se acata a proposta escolhida pela maioria.

**Resposta: C**

05. Arthur Schopenhauer foi um brilhante filósofo alemão, profundamente engenhoso e com grande influência durante a segunda metade do século XIX e começo do XX. Ele se caracterizou por uma posição nitidamente pessimista perante o mundo e a vida. Ainda assim, Schopenhauer escreveu um ensaio com 50 regras para alcançar a felicidade. A "felicidade" é um desses conceitos imprecisos sobre os quais o homem, ao longo de sua história, nunca entrou em acordo. Na verdade, muitas pessoas afirmam que nem sequer é um estado como tal, mas sim uma percepção passageira. Schopenhauer desenvolveu um conceito de felicidade que tinha por fundamento a prudência e a ética. Para a filosofia schopenhaueriana, o homem seria essencialmente vontade, desejo. Por desejar sempre mais, passaria a ser movido por insatisfações constantes, o que resulta no ponto inicial do texto. Dentro do seu pensamento a felicidade tem mais a ver com a paz interior do que com o júbilo e a alegria.

**Resposta: B**

06. Nihilismo é uma doutrina filosófica que influencia quase todos os grupos do mundo moderno (ética, literatura, ciências humanas, artes, teorias sociais e moral). Essa doutrina sugere um ceticismo e pessimismo extremos diante de situações ou realidades admissíveis. É uma linha de pensamento que exalta de forma radical concepções positivistas e materialistas. Consiste na negação de todos os princípios religiosos, sociais e políticos. Os seus seguidores acreditam que não existe nenhuma possibilidade de sentido ou significação da existência humana.



Para eles não existe nenhuma forma de encontrar respostas para as questões correlacionadas. Eles desapoiam verdades absolutas, convenções, normas e preceitos morais. Nietzsche tinha sua própria percepção niilista, para ele esta doutrina tinha decorrências bem mais penetrantes. Segundo Nietzsche, o niilismo implica no fim da Divindade Cristã e seus princípios. Assim o homem se despede das regras e dos valores morais estabelecidos por essas doutrinas.

**Resposta: D**

07. O existencialismo é o nome dado à corrente filosófica iniciada no séc. XIX pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855). Como o próprio nome diz, o conjunto de doutrinas existencialistas tem foco na existência, isto é, na condição de existência humana. O termo "existencialismo" foi cunhado somente no século XX por Gabriel Marcel, filósofo francês, em meados de 1940. O existencialismo francês do pós-guerra ficou popularizado em razão da obra de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus. O tema da existência humana foi trabalhado por diversos pensadores, mas é Kierkegaard que faz das perguntas existenciais o foco de sua pesquisa filosófica. Escreveu sobre a aparente falta de sentido da vida, da busca de sair desse tédio existencial e sobre a realização de escolhas livres. Assim, o homem, em sua liberdade, escolhe para definir sua natureza. Se a condição humana é esta, então o homem vive em uma angústia existencial. Ter de escolher a todo instante é angustiante, pois cada escolha irá refletir diretamente no que se é. A angústia é o reflexo da liberdade humana, dessa ampla possibilidade de escolher e ser responsável por cada escolha. Um tema abordado por Sartre é bem interessante, o desamparo. Somos livres, escolhemos, temos a angústia de escolher e o desespero de perder tudo. Mas, também estamos desamparados, isto é, não temos muletas, desculpas ou a quem culpar por nossas escolhas. Com isto, o existencialismo é o conjunto de ideias que coloca no ser humano a responsabilidade por se construir e por seus atos. Não há desculpas e justificativas para nossas ações.

**Resposta: A**

08. Hans Jonas poder ser considerado um clássico na filosofia contemporânea. Todas as éticas clássicas: antigas, modernas e contemporâneas até o momento da publicação de *O Princípio da Responsabilidade* não lidavam diretamente com os seres futuros quanto à possibilidade de termos responsabilidades e deveres para com eles; apenas com aqueles que já existem (proximidade no tempo, embora não no espaço). Com Jonas inicia-se uma nova perspectiva quanto aos seres futuros exigirem eticamente compromisso daqueles que os gerarão – mesmo que ainda não tenham sido gerados. Jonas coloca, portanto, uma questão antes em aberto, qual seja: não haveríamos de nos preocupar com quem realmente ainda não existia e quiçá poderia nem vir a existir. Contudo, Jonas assevera que não é bem assim, pois o futuro não pode ficar refém de atos irresponsáveis para aqueles que eventualmente venham a nascer tornando-o inviável para esses futuros (eventuais) seres. Hans Jonas nasceu em 1903, em Möchengladbach, Alemanha. Foi aluno de Martin Heidegger (considerado por muitos o maior filósofo da Alemanha no século XX, apesar de sua adesão ao nazismo por 10 meses) e de Rudolf Bultmann (um dos mais célebres teólogos reformistas alemães).

**Resposta: B**

09. Partindo-se do pressuposto de que a ética auxilia as sociedades a buscar o que é bom e desejável para todos, emerge a questão: por que ainda há esse impasse no que diz respeito à construção de uma ética de responsabilidade e cuidado para com o meio ambiente? Ou, como quis Karl-Otto Apel, "uma ética de responsabilidade solidária em face da crise ecológica da civilização técnico-científica", que possibilite a orientação ético-política fundamental para uma era marcada pelo agravamento da crise ambiental e que leva em consideração a sustentabilidade planetária e a responsabilidade para com as gerações futuras. Hans Jonas tentou resolver essa questão quando propôs uma ética de responsabilidade para com as gerações futuras e que nortearia o agir humano com vistas à sobrevivência planetária. Para ele, em face das terríveis intervenções do homem sobre a natureza, atitudes urgentes seriam necessárias. As gerações futuras não podem ser ignoradas e tampouco a qualidade do meio ambiente. Sendo assim, seu projeto de uma ética para a civilização tecnológica pode representar uma alternativa importante e necessária para a crise ambiental, o que justifica uma análise criteriosa.

**Resposta: E**

10. A resposta correta é a letra "C". O controle social é um conjunto de formas externas e internas de intervenção no comportamento do sujeito desviante, como o criminoso que é detido pela polícia. Essas formas de controle atuam sobre a nossa individualidade, de forma que quase sempre delimitamos nossas ações de acordo com o que aprendemos ser certo ou errado.

**Resposta: C**

11. De acordo com Michel Foucault, as relações humanas se dão através de relações de poder, em que o ordenamento de forças é que estabelece uma organização das sociedades. É importante ressaltar que, para Michel Foucault, o poder não é estático, ou seja, de cima para baixo. Não acredita em poder puro e simples, mas em relações de poder que pode ser utilizado como forma de diálogo de indivíduos em uma sociedade.

**Resposta: E**

12. No texto da questão dois pontos são destacados como referente ao papel dos direitos humanos, sendo eles: o "caráter racional e regulador da vida humana" e "ratificam a ordenação normativa para comandar a sociedade". Estas afirmações encontram respaldo na filosofia política dos contratualistas que estabelece que os direitos inerentes aos seres humanos, e que não estão sujeitos à discussão, pois surgem devido à conveniência dos homens que abrem mão de sua liberdade para viverem em sociedade. Assim, surge o direito natural como polo regulador dos limites que a sociedade organizada não pode ultrapassar na consolidação de sua estrutura. Contudo, o texto nos coloca que devido ao progresso das ciências atualmente se descaracterizou sua fundamentação passando estes, a serem tratados como conceito obsoleto que pode ser questionado livremente sem que haja qualquer empecilho caso se julgue que eles não atendam mais as concepções vigentes. Portanto, da mesma forma, os direitos humanos não se fazem mais uma garantia absoluta para a proteção a vida, mas constituem-se como meras referências formais na realidade universal.

**Resposta: A**



13. Karl Popper, um dos principais filósofos da ciência do século XX, analisa o progresso científico mediante a eliminação do erro e das refutações teóricas, que devem ser criticadas experimentalmente.

**Resposta: A**

14. Michel Foucault é conhecido por suas teorias acerca da relação entre poder e conhecimento, e como estes são usados para o controle social através das instituições, Foucault é conhecido pelas suas críticas às instituições sociais, especialmente à psiquiatria, à medicina, às prisões, e por suas ideias sobre a evolução da história da sexualidade, suas teorias gerais relativas ao poder e à complexa relação entre poder e conhecimento, bem como por estudar a expressão do discurso em relação à história do pensamento ocidental, procurou colocar sua posição filosófica em prática, tornando-se membro ativo de diversos grupos envolvendo campanhas antirracismo, anti-abusos de direitos humanos e lutas por reformas do sistema penal. O autor procurava entender como o conhecimento é usado para controlar e definir o poder. Esta pesquisa tomou três formas específicas:

1. A autoridade científica que classifica e ordena o conhecimento acerca das populações humanas;
2. A categorização dos sujeitos humanos em padrões normativos, identificando elementos como problemas mentais, características físicas e doenças;
3. Uma tentativa de compreender como o impulso de padronizar a identidade sexual acaba por ser uma espécie de treinamento de rotinas e práticas que levam a reprodução dos padrões estabelecidos na sociedade da qual o sujeito faz parte.

**Resposta: E**

15. O item "A" está correto porque a interpretação de Hans Jonas refere-se à autêntica vida futura, e não apenas imediata. As demais alternativas estão incorretas porque o importante é a "coletividade"; a ação de cada indivíduo influencia na coletividade; porque viver o presente implica responsabilizar-se pela humanidade e, porque temos que permanecer sobre a terra de forma responsável, garantindo o mesmo direito às futuras gerações.

**Resposta: A**